

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

PISCITELLI, Adriana Gracia. Adriana Gracia Piscitelli (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 47min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre UNIVERSITY OF SYDNEY e AUSTRALIAN RESEARCH COUNCIL. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Adriana Gracia Piscitelli  
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2022

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** João Marcelo Ehlert Maia;

**Levantamento de dados:** João Marcelo Ehlert Maia;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** João Marcelo Ehlert Maia;

**Técnico de gravação:** João Marcelo Ehlert Maia;

**Local:** Campinas - SP - Brasil;

**Data:** 15/09/2015 a 15/09/2015

**Duração:** 0h 47min

Arquivo digital - áudio: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Global Arenas of Knowledge”, desenvolvido pelo CPDOC em convênio com a University of Sydney e financiado pelo Australian Research Council, entre agosto de 2013 e dezembro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a produção de artigos acadêmicos e paper em congressos.

**Temas:** Atividade acadêmica; Bolsas de estudo e de pesquisa; Carreira acadêmica; Centros de pesquisa; Feminismo; Formação acadêmica; Gênero; Intercâmbio científico e tecnológico; Orientação educacional; Pesquisa científica e tecnológica; Sexualidade; Universidade Estadual de Campinas;

## *Sumário*

Entrevista: 15 de setembro de 2015 Trajetória acadêmica; primeiros contatos com ideias feministas; o tempo de estudo no CERES e o desenvolvimento da pesquisa sobre maternidade e reprodução; a participação em grupos feministas na Argentina; a ida para Unicamp em 1984: a decisão pelo programa de mestrado, a permanência em São Paulo; comparação entre o movimento feminista do Brasil e da Argentina; a ida à Inglaterra: comentários sobre as professoras e o contato com outras pesquisadoras; a finalização do mestrado; o doutorado; a montagem do Pagu: a criação dos cadernos, a institucionalização como centro de pesquisa, os financiamentos; a finalização do doutorado; os grupos de estudo no Pagu; o trabalho como pesquisadora da Unicamp; a aproximação com outros grupos feministas no Brasil; os contatos com pesquisadores da Argentina; contato e participação nos movimentos feministas externos a academia; trabalhos em conjunto com outros pesquisadores do Pagu; como o produtivismo na academia afetou o grupo; a sobrecarga de trabalho; o consumo de revistas científicas; comentários sobre os estudos de gênero atuais: as pesquisas sobre sexualidade, violência de gênero, prostituição, as tensões e oposições.

Entrevista: 15/09/2015

**João Marcelo (JM):** - Hoje é dia 15/09/2015, estamos no Pagu, na Unicamp, entrevista com a professora Adriana Piscitelli. Professora, obrigado por ter me recebido. A primeira pergunta que eu sempre faço é: como você passou da sua trajetória acadêmica pra área de estudos de gênero? Você estudou e se formou na UBA, correto? Você poderia falar um pouco como começou esse envolvimento com esse tema?

**Adriana Piscitelli (AP)** - Eu fiz antropologia na UBA num momento delicado porque comecei no período peronista, mas logo veio o golpe. Então eles reestruturaram completamente a carreira e ela ficou uma coisa muito chata, muito desvinculada do contato com as pessoas, essa era a ideia. Então fiz antropologia, mas praticamente não tinhamas curso de antropologia social, era uma coisa mais pra história ( TRECHO NÃO COMPREENDIDO) muito séria, muito antropologia física, nada crítica. Eu tinha inquietações feministas acho que por questões familiares, desde muito novinha tinha lido Simone de Beauvoir na biblioteca da minha mãe, quando tinha 13, 14 anos e eu sou filha de um pai do sul da Itália, da Calábria, migrante, muito fechado. Três irmãos homens que podiam fazer tudo e eu nada, tinha coisas assim. Mas assim, na Universidade não tinha o que fazer e também não tinha um grupo de feministas unido porque nada era possível nesse período. Mas ai, quando eu acabei a faculdade, uma antropóloga argentina muito boa, que estava chegando de Chicago, organizou um seminário de pesquisa numa instituição que se chama CERES (?), que existe até hoje, que era algo parecido com o CEBRAP em São Paulo, que acolhia professores que não podiam estar na universidade, mas não eram considerados suficientemente perigosos pra serem desaparecidos. Ela fez um concurso com jovens pesquisadores recém-formados, eu fui uma das selecionadas e fiz um curso maravilhoso de dois anos de formação em pesquisa, que foi de fato onde eu aprendi a trabalhar como antropóloga. Aí eu escolhi o único tema que de fato para mim tinha a ver com mulheres, que era trabalhar com reprodução e maternidade na periferia de Buenos Aires. A partir daí eu não parei mais, porque a partir dessa pesquisa eu comecei a ter contato com antropólogas feministas teóricas e com a mediação dessa professora porque era um período sem internet, muito fechado em termos de comunicações. Então ela trazia bibliografia e trazia coisas pra gente poder ler. Então essa foi a minha primeira pesquisa voltada pra questões de mulheres e questões de poder. *Mitad, Mitad* Quando acabei essa pesquisa começou a aventura democrática, então nasceram grupos feministas...

**JM-** Qual o nome dessa professora? Você se lembra?

**AP-** Esther Hermitte.

**JM-** Esther Hermitte. Ela era argentina e tinha estado em Chicago?

**AP-** Ela era argentina e tinha estado em Chicago. A área de pesquisa dela era saúde e tinha trabalhado no México. Então, em termos de saúde, o único que me ocorreu pegar foi essa questão da maternidade. O resto não me interessou pra nada (risos). Não tinha nada que eu podia trabalhar com mulheres e questões de poder. Aí se organizam grupos feministas e eu passei a fazer parte de um que existe até hoje, que era trotskysta-feminista e que era fabuloso, e era bem no estilo dos grupos daqueles anos, com grupo de autoconsciência, foi o meu primeiro contato com operárias, mulheres de classes populares; nesses grupos a gente discutia sexualidade, lesbianismo... foi um período fabuloso na Argentina, estou falando de 1982, 83... 83 foram as nossas eleições e começa a assumir o Alfonsín e em 84, mas 84 eu já vim pra Unicamp.

**JM-** Por quê? Como foi essa passagem?

**AP-** Porque não tinha pós-graduação na Argentina. Me doeu na alma ter passado todo esse processo lá e agora justo com a abertura democrática... mas não tinha pós-graduação e já fazia 4 anos que eu tinha me formado e tinha claríssimo que eu precisava continuar estudando. Tinha aquela ilusão de ir pra um lugar com antropologia latino-americana e eu pensei que esses lugares seriam ou o Brasil ou o México. Então vim de visita a primeira vez e gostei, visitei o que me disseram na época que eram os melhores programas, gostei mais deste, achei mais divertido porque tinha muito mais gente de fora do que eu vi no Rio...

**JM-** No Museu Nacional?

**AP-** Sim. Museu Nacional eu achei super fechado, hierárquico, as pessoas estavam sentadas e estudante de mestrado, estudante de mestrado - no restaurante - de doutorado, doutorado, os professores sempre... era uma coisa muito assim ... foram todos muito amáveis. Quem me recebeu lá foi a Malu, o Gilberto Velho. Mas eu achei que aquilo...

**JM-** Não era pra você.

**AP-** E aí eu vi aqui, aquela festa. Aí eu resolvi prestar primeiro aqui, entrei e vim.

**JM-** Veio pro mestrado, não é? Em 84?

**AP-** Sim, vim pra passar um ano, aluguei o meu apartamento com um amigo, Buenos Aires, e depois de um ano me deu pena: “está tão legal aqui, será que eu não posso fazer o resto aqui?”

e assim foi. Quando eu acabei o mestrado: “ah, mas eu posso fazer o doutorado” e um dia eu me dei conta que já tinha ficado.

**JM-** E a discussão que você via aqui, tanto política como teórica, era diferente da que você estava tendo contato na Argentina? As coisas que circulavam, os livros.

**AP-** Não era muito diferente. A diferença é que aqui já tinha um espaço na universidade, com um feminismo acadêmico mais institucionalizado. Na Argentina, não. Mas as coisas que circulavam eram muito parecidas, mas que aqui já tinha uma tradição de pesquisadoras, particularmente aqui na Unicamp. Já tinha a Verena, assim que eu cheguei teve a Mariza assumiu como orientadora, ela tinha lançado um livro extraordinário que marcou o campo da violência contra mulheres... isso que na Argentina não tinha, dentro da academia. Um pouco pela história particular, porque eu peguei toda a fase do processo, então isso era muito sedutor. Agora, em outros termos, não. Tinha um coletivo feminista aqui, que eu me incluí assim que cheguei, foi nos últimos anos do coletivo feminista aqui, era extraordinariamente bom. Agora, na parte acadêmica que também tinha muito mais facilidade: a biblioteca era uma festa, eu não acreditava que entrava na biblioteca da Unicamp e via todos aqueles periódicos feministas que a biblioteca comprava. Isso em Buenos Aires não existia. Então era muito mais por esse lado. Outra coisa que era extraordinária é que em Buenos Aires todos estudavam trabalhando, não existia bolsa. Chego aqui e me dão uma bolsa? Para me dedicar *full time*? As minhas colegas reclamavam que não era suficiente... Piraram! Vocês não sabem o luxo que é isso aqui. Eu não acreditava que tinha todo o tempo do mundo pra estudar e todas as facilidades, mas basicamente a diferença era essa. Aqui já tinha tido aqueles concursos da Fundação Carlos Chagas, dos quais eu me beneficieei, logo que cheguei no outro ano já tinha bolsa deles. Então tinha toda uma trajetória, que não era de repente tão antiga, devia ter uns 10 anos, mas fazia uma diferença imensa. E pessoas, como Mariza e tantos outros, que já estavam nos comitês, CNPq, Capes, o que nunca, nunca nesse período vi rejeitar um projeto de pesquisa porque era de mulher ou sobre gênero. Jamais! Porque essas pessoas ocupavam cargo de poder ali no campo. Nesse sentido, era muito diferente.

**JM-** Tem uma momento que você vai pra Sussex, na Inglaterra, durante o doutorado. Certo?

**AP-** Não, durante o mestrado.

**JM-** Durante o mestrado? Como foi isso?

**AP-** Essas coisas maravilhosas que aconteciam naquela época (risos). Chegou um convite pra se apresentar, eu tinha uma bolsa na Fapesp naquele momento, eu achei super legal, mas isso

eu também postulei. E fui aprovada. Interrompi a bolsa da Fapesp e fui embora pra Inglaterra. Hoje, isso seria impossível, porque era a época dos mestrados longos e não tinha limite de bolsa. Então eu fui passar esse período na Inglaterra pela Capes, que foi extraordinário, e voltei e retomei minha bolsa da Fapesp.

**JM-** Você ficou quanto tempo lá?

**AP-** Fiquei um semestre.

**JM-** Tinha algum professor ou professora que estava responsável por ficar com você? Alguém que te marcou ali?

**AP-** Não, tinha uma professora fantástica chamada Kate Young, feminista-marxista, que era organizadora do curso, e não tinha ninguém responsável exatamente por mim, mas pelo grupo inteiro. Tinha uma historiadora Gina Stafs (?) que era mais velha, mas está ativa até hoje, que estava chegando de Cuba e depois tinha uma professora indiana que não me lembro o nome. O que teve de fantástico, muito mais do que as professoras, foi a experiência. Porque era o terceiro mundo em suas diversas facetas e eu não tive uma experiência como essa, estar convivendo com africanas, com asiáticas o tempo todo foi um desafio, uma coisa marcante. Mas assim, foi muito mais a convivência, claro o acesso às bibliotecas, como sempre... Mas se eu for tecer sobre o que mais aproveitei naquela época, para além da convivência, foi literatura muito mais do que trabalhos teóricos feministas. Porque isso aqui no Brasil a gente já tinha acesso naquela época, com bibliotecas e tal. Mas a parte de literatura foi fabulosa. Absolutamente fabulosa. Aquilo foi muito marcante, tanto na literatura como a parte (NÃO COMPREENDIDO) é assim até hoje, é um instituto de desenvolvimento. Quanto despertar aquela coisa crítica sobre toda aquela linha desenvolvimento, acho que isso foi o mais marcante na questão da Inglaterra.

**JM-** Aí você voltou e defendeu a sua dissertação?

**AP-** Sim, retomei a bolsa da Fapesp (risos). Defendi a minha dissertação e já entrei no doutorado antes de defender a dissertação. Entrei em dezembro e defendi em maio.

**JM-** Isso era em qual ano?

**AP-** 1990, porque eu peguei esse período dos mestrados longos. Eu fiz o mestrado em 6 anos, longo se comparado ao de hoje. Aquela dissertação seria uma tese de doutorado de hoje. Naquele período era assim. O trabalho do Nestor, que foi meu colega e amigo, foi ele também fez a dissertação de mestrado e nem sequer tinha distinção de louvor. (risos) Pra você ver como era. Eu também não tirei distinção e louvor no mestrado, era só distinção. Era outro mundo, não tinha nada a ver com o que acontece hoje, que é uma produção em massa em tempo

curto e tal. Então é muito maluco, porque depois de defender a dissertação, que era como um doutorado, você ainda tinha que fazer o doutorado. Mas, enfim, era do jeito que era.

**JM-** Em 90 você começou o doutorado? Quais eram os seus planos, em termos de pesquisa?

**AP-** Eu não tinha o menor saco pra fazer o doutorado. Eu tinha que fazer o doutorado porque tinha, mas pra mim já estava. Eu queria conquistar o mundo, em termos de pesquisa. Aí eu fiz o doutorado que deu nesse livro aqui, o Jóias de Família, que é, do meu ponto de vista hoje... (conversa paralela) Quando eu comecei o doutorado em 90, a gente já estava tentando montar o Pagu. Então, a Mariza... acho que nesse momento a Mariza era diretora do instituto; tinha um grupo de professoras interessadas, o Nestor também participou das primeiras reuniões, e tinha, no começo, eu como aluna e depois se juntaram outras duas, eram todas alunas da pós. Então eu estava muito mais interessada no Pagu do que na minha tese de doutorado, tanto assim que eu gastei mais quatro anos depois, eu comecei o doutorado em 1990 e terminei em 1999. “Obrigada, obrigada”, porque senão eu perdia emprego, o visto, tudo. Então, eu gastei os meus 4 anos de bolsa investindo na formação do Pagu. Nesses anos, criamos os cadernos, conseguimos o primeiro financiamento, batalhamos pela questão institucional, bolamos o primeiro projeto de pesquisa coletiva, um projeto belíssimo do CNPq, que nos articulava todas, sobre histórias e memórias femininas e finalmente conseguimos que o Pagu se institucionalize com centro de pesquisa. Conseguimos vagas, a primeira eu fui contratada... mas era um contrato que não era definitivo, dependia de que eu defendesse o doutorado em ‘x’ tempo. Então eu tive que defender. No tempo que eles me davam. Sentei pra não perder o prazo e escrevi a tese em 8 meses e meio, sendo que eu tinha feito a pesquisa mas estava tudo desarticulado, porque não me interessava, eu queria bolar eram projetos pro Pagu. Então começou a fazer projetos de todo tipo aqui e era isso que...

**JM-** O “grosso” do financiamento era CNPq ou tinha Ford ainda essa época?

**AP-** Sim, mas a gente não teve. A Ford já estava com os seus financiamentos canalizados.. A gente foi tendo financiamento do CNPq, foi tendo financiamento da Fapesp, depois, mais tarde, teve um grande financiamento da Ford pra fazer um projeto sobre delegacias especiais de polícia, mas isso foi depois do núcleo já estar... Basicamente, o apoio foi da própria Unicamp, porque quando se cria um núcleo institucionalizado paga-se secretária, pesquisador, esse tipo de coisa. Então isso foi o mais importante, porque as pesquisas a gente fazia igual, antes de institucionalizar, mas o salto foi a institucionalização, pelos recursos que trazia. Então, eu defendi “Jóias de Família, porque tinha que defender, mas antes de acabar “Jóias” eu já tinha



o obtido financiamento da (NÃO COMPREENDIDO) e da Fundação Carlos Chagas pra começar os trabalhos sobre turismo sexual em Fortaleza. Isso me interessava muito fazia tempo, mas a Mariza já tinha que se mudasse de tema ficava sem orientadora. (risos)“Então escreve essa tese e depois faça outra coisa”. Então foi mais ou menos assim, mas te digo que até 1990 o meu interesse principal foi o Pagu.

**JM-** Como era a dinâmica de funcionamento do Pagu nos anos 90? Vocês montavam projetos sempre coletivos?

**AP-** Era uma delícia. Não, no começo era só coletivo, tínhamos uns grupos de estudos fabulosos. Pequenos, mas realmente eu me formei nesses grupos de estudos, porque tinha pessoas extraordinárias participando, lemos coisas super difíceis...

**JM-** Tipo o que? Você lembra?

**AP-** Ah, sim. Em 89 , em 90 lemos “ The Gender of the gift”, em 91 “Gender Trouble”, de Judith Butler, que tinha acabado de sair. E a gente quebrava a cabeça, ficava o ano inteiro em cima daqueles livros, mas tinha gente brilhante no grupo, era uma festa. Quando resolvemos montar o Pagu, a Elisabeth logo, que é esta pessoa aqui, que era uma pessoa muito vinculada ao PT e a um feminismo de esquerda, talvez a melhor pessoa daquela época em termos de questões de gênero, tinha resolvido abrir um grupo especial... era professora da Usp, mas era visitante aqui, tinha resolvido abrir um curso especial super sofisticado em gênero. Era tinha ido à Nova York, não sei o que, e morreu num acidente de carro na Paraíba num acidente de carro com algumas feministas e tal, e então a gente ficou perdida porque não poderia fazer aquilo. Então eu liguei pra (?) perguntei se ele não emprestaria a bibliografia que a gente tinha comprado pra a gente fazer o curso sem ela. Ele topou, eu fui pra São Paulo e tentamos fazer o planejamento que ela tinha feito. Só que foi a primeira coisa que a gente fez, demorou um ano, e depois já montamos um projeto coletivo, e passamos a ler a Judith Butler, esse grupo durou uns 4, 5 anos. Foi uma coisa extraordinária.

**JM-** Nesse momento, você foi contratada como pesquisadora do PAGU ou também como professora da Unicamp? Eram coisas diferentes?

**AP-** Não, são coisas diferentes até hoje. A Unicamp tem uma carreira de pesquisador que é autônoma, você não tem que dar aula. Você dá se quiser, mas não faz parte. A sua obrigação como pesquisadora é fazer pesquisa e, dependendo da fase, montar projetos e tal. Só que... deixa eu ver quando entrei no doutorado em Ciências Sociais... eu fui contratada em 96, defendi em 99, em 2002 eu já me integrei no doutorado em Ciências Sociais e um pouco depois no

Departamento de Antropologia. Eu dou curso, mas muito educacionalmente, cada vez que eu tenho um problema teórico, o que significa a cada 4, 5 anos. E oriento. Eu tenho um grupo extraordinário de orientandos. Isso sim, há os cursos que são fechados aos orientados, isso eu dou permanentemente. Às vezes é uma reunião por semana, às vezes se concentra algumas vezes por semestre, depende das obrigações de pesquisa. Esse grupo é absolutamente fabuloso, o que em algum momento era um grupo coletivo, agora cada um abriu para os seus próprios alunos. Mas eu sou pesquisadora da Unicamp.

**JM-** Nesse período aí dos anos 1990, no final da década de 1990, vocês tinham uma interlocução com outros grupos que surgiam no Brasil sobre estudos de gênero? Porque surgiram grupos em diferentes lugares, Bahia, Santa Catarina...

**AP-** Sim, em diversos momentos tivemos interlocução com um ou outro. Teve uma fase em que fomos mais próximas do grupo de Salvador, o NEIM, que nos apoiaram muito na pesquisa que fizemos com delegacias, teve uma fase que fomos muito próximas do grupo de Florianópolis, sobretudo em função das revistas. Eles tinham a REF, nós os Cadernos PAGU. Então, fizemos muitas coisas juntas, encontros, discussões, sobretudo em função disso. Com a USP, alguns dos nossos pesquisadores têm mais contato, sempre tivemos, lá na USP muita gente foi colega nossa, foram colegas por aqui e tal. Eles têm um grupo, que é o UMAS, e vários dos nossos pesquisadores fazem coisas pelo UMAS e tal. Mas nunca teve um grupo que foi parceiro nosso na história inteira. Não, isso não.

**JM-** Você manteve vínculos com a Argentina trazendo alunos e tal?

**AP-** Eu mantive vínculos com a Argentina e isso é engraçado porque são muitos anos. Basicamente porque mantive amizade com os meus colegas de graduação. E uma dessas minha colegas, que é Monica Tarducci, talvez seja a figura mais importante do feminismo e da Antropologia hoje na Argentina. Somos amigas desde os 20 anos, ela formou uma quantidade de gente e ela tem uma coisa legal, que é do grupo que ela se formou, que é o coletivo de antropólogas feministas. Isso é muito legal, porque algumas ficaram na academia, outras foram para o Estado e outras são professoras de escola. Mas estamos articuladas até hoje, tanto em pesquisa, em reflexão como em ação política, e eu tenho dado curso em Buenos Aires, Monica tem vindo pra cá, Jonas e outros pesquisadores têm vindo fazer estágio... Então, essa é uma coisa mais permanente, mas não tem jeito: tem a ver com afinidade teórica, com afinidade política, mas tem a ver com amizade (risos). Com as outras pessoas, temos uma grande articulação com o Master em estudos de gênero em Granada, mas talvez que com os grupos do

Brasil. Mias uma vez é a questão da amizade. Isso é muito estranho. Eu fui dar aula no Master e fiquei super amiga da coordenadora, que tem um pique feminista extraordinário e falei: “então pronto. Começou a circulação”. Eu não sei se essas coisas acontecem em outras áreas, mas no feminismo é assim.

**JM-** E a conexão com o feminismo fora da universidade nesse período anos 90? Tinha conexão com movimentos, ONGs? Você, pessoalmente.

**AP-** Teve, tive. Mas, sobretudo, em termos de ser chamada pra assessoria.

**JM-** E isso acontecia muito?

**AP-** Acontecia nos anos 90. Agora, o que começa de novo no final dos anos 2000, 2010, com outro tipo de articulação em função das alunas. Tem toda uma efervescência do feminismo, do feminismo jovem, e aí são as meninas que começam a participar. Então, temos uma das coordenadoras mais da “Marcha das Vadias” aqui, que foi minha aluna no mestrado e agora está prestando doutorado e que também foi uma das articuladoras do grupo de prostitutas de Campinas, que são as minhas guerreiras. Então, Campinas tem uma coisa inusual, que é a Marcha das Vadias e o grupo das prostitutas juntos, junto com o sindicato das empregadas domésticas e tal, mas isso tem a ver com as nossas alunas. Então, a gente teve, quando cheguei, um coletivo feminista, mas, claro, éramos também jovens estudantes. Agora é atualizado com as meninas. É uma coisa muito impressionante. Com a gente mesmo é mais difícil. Não é por não ter interesse, é por não dar conta da participação. Do que eu tenho participado? Tenho participado de coisas que têm a ver com as prostitutas, mas eu não consigo ter um ativismo continuado. Fisicamente, materialmente, eu não consigo participar. E as meninas conseguem. Então, acho que o mais forte que temos feito sobre ativismo não tem sido o NX, mas com a participação dos comitês da, por exemplo, eu coordenei e “vice-coordenei” nas últimas duas reuniões do comitê da sexualidade, onde sempre colocamos questões sobre direitos, emoções... de sexualidade agora a Regina que está controlando e eu faço parte do comitê de migrações. Desloquei-me para o outro. Então, nesse tipo de coisa, mas que são muito mais pontuais. Um ativismo mais acadêmico, digamos. Agora, o Pagu enquanto Pagu ainda está presente, mas é através das jovens.

**JM-** Essa pesquisa depois da sua tese nos anos 2000, qual a pesquisa que você destacaria que te marcou nesse período posterior à tese?

**AP-** Tem as pesquisas individuais, mas tem articulação também. Nos anos 2000 eu fiz uma série de pesquisas que tem a ver com transnacionalização do mercado de sexo, que foram fundamentais pra mim em termos de tudo.

**JM-** Eram pesquisas internacionais ou eram daqui?

**AP-** Teve aqui, nos escritos do turismo sexual em Fortaleza, depois na Itália e na Espanha, só que durante 5 anos essas pesquisas estiveram vinculadas, eram minhas, mas estiveram vinculadas a um projeto temático extraordinariamente bom, que reuniu muita gente no Pagu, coordenado por Mariza, que era gênero e corporalidades. Aí participavam Julia Simões, Vivian Gregori, Mariza, Guíta Debert, Leila Grande, Margaret Lopes, eu e uma leva de alunos, a Larissa Pelúcio, que foi pós-doc aqui, doutorandos e pós-doutorandos. Acho que foi esse projeto, nos anos 2000 e 90, e o primeiro que nos articulou, que foi em Memórias Femininas, que foram mais importantes.

**JM-** Vocês tinham a dinâmica, além do trabalho coletivo, de também escrever coletivamente, ou artigos ou livros?

**AP-** Escrever coletivamente não, a não ser os relatórios que todo mundo colocava a mão, não. Temos escrito coletivamente apresentação a livros, coisas assim. Eu estou agora, tardiamente, desenvolvendo essa coisa com alguns ex-alunos. É uma questão muito delicada, você vê que em outras áreas que as pessoas assinam tudo com os seus alunos e tal, eu não consigo deixar de pensar que isso é um bolo (risos). Então só agora com os meus ex-alunos que já cresceram, então eu digo: “tá, a gente escreve metade cada um. E aí pode assinar juntos”. Então, escrever coletivamente, não, mas muito trabalho coletivo ao longo desses anos. Esse seminário, o temático, que foi uma das coisas mais maravilhosas que fizemos, luxo da Fapesp, foi em Paraty. Nossa, foi absolutamente extraordinário.

**JM-** Vocês deram um seminário em Paraty do projeto temático?! Imagino que tinham pesquisadores fora de São Paulo.

**AP-** Não, os temáticos são Fapesp, só pode ter São Paulo. Mas teve convidados de fora do projeto que eram de São Paulo, como o Flávio Pierucci, que está ali, que vieram discutir. Eu achei muito bonito porque quase todos esses meninos são professores em diferentes universidades, inclusive aqui. Então, esse foi um momento legal. Agora é um momento de enfrentar outra temática, mas...

**JM-** Isso era em que ano?

**AP-** Isso aqui acho que em noventa e... não, 2006.

**JM-** Adriana, vendo e você falando, é correto dizer que essa dinâmica de trabalho coletivo do Pagu se manteve assim como uma marca?

**AP-** Se manteve, se manteve só que ela foi mudando, como eu ia te dizendo. Claro, em algum momento nós fomos alunas aglutinadas e tínhamos um par de professores, agora cada um de nós tem 12... Então, assim, agora é uma coisa mais de nós com os nossos alunos do que nós articulados entre nós. Estamos tentando voltar a fazer isso, mas não está muito fácil, porque cada um de nós já tem muitos compromissos. Mas, como te dizia, está na hora de cada um de nós voltar a pensar num temático, já começamos a nos articular para ter discussões coletivas entre nós da mesma geração, a partir do mês próximo, mas é um custo imenso.

**JM-** Como você diria que essa nova configuração do trabalho acadêmico afetou o Pagu? Essa coisa do produtivismo...

**AP-** Afetou pra caramba! Porque a gente não dá conta...

**JM-** Afetou você ou mais os seus alunos? Ou afetou diferente, talvez?

**AP-** (Pausa) Afetou os alunos no sentido de que eles têm que fazer coisas muito mais focalizadas. Ninguém mais faz o que eu fiz... Pensando pelo mundo e dizendo “ah, a tese depois eu faço!”. Então eles têm que ter uma trajetória muito mais focalizada, centrada no que fazer, e ser produtivos rapidamente. Isso nós já éramos, só que não éramos obrigados a ser produtivos do jeito que é agora: publicar em Qualis A1, você não escreve mais o que você quer. Eles. Eu escrevia o que me dava na telha, pra publicar em qualquer lugar. Revistas escondidas no “cafundó do Judas”, que não teria qualis. Hoje seria Qualis 0. Eu dava o melhor que eu tinha pra eles levantarem e isso os meninos não podem mais. Então, acho que os afetou nesse sentido. Agora, gente como eu afetou pra caramba, porque você não tem tempo pra respirar. Se o compromisso primordial é com a formação dos alunos, fica difícil ter tempo pra se encontrar com os seus pares. Então nesse sentido que complicou pra caramba e é contra isso que estamos tentando começar a lutar um pouco, porque acaba virando eu com os meus 12, ? com os dela e pronto: “vamos juntar ? e com todos”. Então fica aquela... e aquela separação também entre os alunos e os grupos de pesquisa, o que não era assim. Os meninos circulavam muito mais e que ninguém proíbe, mas hoje eles estão sobrecarregados. Então tinha uma excursão ótima e eles iam participar, hoje já não dá mais. Então essa coisa da produtividade é sinistra. Com efeitos para os alunos, mas sobretudo pra nós.

**JM-** Falando nisso, eu já estou quase no final. Eu sempre pergunto um pouco dos hábitos de trabalho dos entrevistados. Você tem hábitos de ler revistas da sua área, revistas científicas, ou só quando precisa fazer uma pesquisa, alguma coisa assim?

**AP-** Olha, eu tinha, no passado, o hábito de uma vez por semana, uma vez a cada dez dias, sobretudo desde que tivemos acesso às pesquisas na internet... porque no passado era na biblioteca, a gente ia lá, juntava e folheava... eu fazia um levantamento do que tinha de mais novo na área de pesquisa. Nos últimos 4, 5 anos, eu só consigo fazer isso quando vou escrever algo, seja relatório, seja projeto. Eu não tenho mais esse tempo de... mas a minha vida virou um clipe (risos).

**JM-** Em fragmentos

**AP-** Tudo em fragmentos de diferentes partes do mundo e eu agora viajei um mês pra Toronto, olhei pro quadro e desloquei: “não vai dar, vamos passar pra maio”. Deixei um mês vazio na minha frente, no qual não peguei nada, nem banca, e fui... sabe essa sensação de estar vários anos andando em trem bala e parar na estação só pra trocar de trem, e de repente... (risos). Ué, fui ao cinema pela primeira vez em um ano. Pra te dar uma idéia do grau de loucura. Deu uma sensação muito boa e aí eu parei pra pensar: podemos discutir aqueles textos utilíssimos de violência. Porque você precisa de tempo pra criar e articular. E essa coisa da produtividade e dos compromissos, não dá tempo. Foi quando entrei em contato contigo (risos).

**JM-** E aí você arrumou essa uma horinha aqui pra gente conversar.

**AP-** Porque não tinha mais tempo nem pra ir ao médico, nem pra nada. Agora estou marcando médico, essas coisas. Mas isso é péssimo, porque você não consegue nem pensar, nem criar, nem atualizar, nem fazer as coisas direito. Esse ano eu passei o ano escrevendo o que ia falar no lugar que cheguei. Na conferência da REA, eu não sei o que aconteceu na conferência da REA, pois eu fiquei dois dias e meio escrevendo a minha conferência, que era no final. Eu dei a conferência e fui embora. Olha que horror! No lugar de você poder ouvir e ver o que está sendo feito. E o que você vai dizer aos alunos? Vamos ter um concurso no Pagu agora com uma vaga e teremos cinqüenta mil candidatas. Os meninos estão se matando pra fazer currículo. Não sabemos quando vai ter concurso agora. É uma coisa complicada, enfim... mas eu não sei se respondi o que você queria.

**JM-** Sim. Posso fazer uma última?

**AP-** Claro!

**JM-** É difícil. Você mencionou já um pouco quando falou da nova geração das suas alunas, desse ativismo florescente. Como você vê o campo de estudos de gênero hoje no Brasil? Instituições, avanços... Se você pudesse fazer uma visão sua dessa caminhada.

**AP-** Então, tem uma parte que eu acompanho e outra que não, que é mais intuitiva. O campo acadêmico de estudos de gênero no Brasil está pra lá de consolidado e nos mais diversos recortes que você possa imaginar. Provavelmente, com uma ênfase excessiva em sexualidade. Acho que os estudos de sexualidade tiveram umas injeções, porque tinha pouco, porque interessava algumas agências financiadoras. Por exemplo, a injeção de dinheiro que dava no Clam, a injeção de dinheiro nos programas de direitos reprodutivos no momento e outros de masculinidade; isso deu uma proliferação de pesquisas sobre sexualidade, o que é muito bom mas, sexualidade em certo sentido, toda essa emergência do campo LGBT e tal, quando tem uma série de questões que não foram resolvidas e não tem formulações teóricas suficientes no campo de estudos de gênero. (...) a questão do aborto, que é uma coisa horrível de você ver que é possível ter uma união de pessoas do mesmo sexo, super a favor, e não pode resolver a questão do aborto, aquelas coisas brutais, as prisões, etc. Outra questão que está nos preocupando muito é a violência de gênero além da questão doméstica, privada. Estou tendo que tocar pesquisas que mostram como essas questões estão aparecendo, com violência obstétrica com peruanas na fronteira do lado brasileiro, e são praticamente torturadas e obrigadas a sair na maca com a placenta dentro, porque são peruanas, por xenofobia. Até essas coisas recentes que aconteceram no metrô, aquela menina que alguém “encoxou” e uma turma de pessoas começou a gritar “estupra, estupra”, coisas impensáveis vinte anos atrás num espaço público. Então, tudo isso exige muita reflexão e não estou vendo que as pesquisas estejam voltadas a isso. Está uma coisa muito mais em cima de sexualidade e muito mais LGBT. Pra você ter uma ideia, tem mais pesquisas sobre travesti, no campo de prostituição, do que sobre mulheres. Então, acho que está super consolidado, mas muito centrado para algumas questões, quando ainda tem o mundo, tanto na área de sexualidade, como na de gênero e outras questões, um mundo ainda pra ser aberto. Mas essa é uma coisa muito curiosa, porque no princípio se atribui isso aos problemas de financiamento. Agora já não dá mais. Então, está super consolidado, florescente, com pesquisas de muita qualidade, agora tem um monte de questões que devem ser pesquisadas e são relevantes do ponto de vista político e acadêmico. Essa era uma parte da sua pergunta, a outra era sobre militância, como veja a articulação. Entre as jovens pesquisadoras, me refiro especialmente às estudantes de pós-graduação, eu estou vendo uma articulação muito bonita

que a gente também já teve quando era estudante, entre ativismo e pesquisa. Eu torço para que isso se mantenha quando elas se institucionalizem. Digo, sejam professoras, pesquisadoras e tal. Mas é algo que é recente em termos de... eu vi isso acontecer nos anos 90, depois houve um “gap” muito grande e agora de novo, a partir da segunda metade dos anos 2000, pra frente. Agora, esse feminismo jovem, novo, é onde tenho mais intuições do que de fato conhecimento, porque eu o vejo muito fragmentado, às vezes me pergunto se o que estou vendo está respondendo à ideia de movimento ou não, é muito essas mobilizações pontuais organizadas pela internet pra questões específicas. Em temas que eu mais trabalho, que são questões sexuais, eu vi nos últimos anos coisas de jovens feministas que achei que nunca imaginei que ia ver no Brasil, nessas articulações por internet. O Brasil não tem sido, a partir dessa segunda onda, marcado por um feminismo abolicionista, mas sim por um feminismo hesitante. No sentido de que, se tem uma parte que apoia as reivindicações de trabalhadoras sexuais, tem outra que tem problemas com a prostituição, mas hesita em ficar contra, uma vez que tem grupos organizados de prostitutas que estão reivindicando a sua autonomia e esse é um valor caro ao feminismo. Mas nos últimos anos, temos tido grupos bloqueados com ênfase no gênero por anarcofeministas que diziam coisas terríveis sobre o que estávamos fazendo e isso certamente tem a ver com articulações transnacionais, mas também uma ala do feminismo jovem. Então, assim, estou vendo tensões e oposições, como de fato existem no campo do cotidiano político no Brasil, que eu nunca vi desde que cheguei, também estou vendo no jovem feminismo e isso era algo que não acontecia quando o feminismo estava organizando algo que a gente identifica mais como movimento. Então, até hoje não tenho visto uma análise pesada desse jovem feminismo. Temos algumas alunas que estão tentando fazer, mas nada que me permita ir além do que estou te dizendo. Mas assim como acho florescente e rico, também acho assustador.

**JM** – Professora, obrigado. Fiz todas as perguntas em menos de 50 minutos.

[FIM DO DEPOIMENTO]